



CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA-LICENCIATURA
Modalidade a Distância



Eixo IX

2010/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA

MARIA VERÔNICA OLIVEIRA DA SILVA

O Encantamento dos Contos de Fadas

PORTO ALEGRE

2010

MARIA VERÔNICA OLIVEIRA DA SILVA

O Encantamento dos Contos de Fadas

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS).

Orientador: Prof^ª Natália de Lacerda Gil
Tutora: Prof^ª Márcia Campos

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Profa. Valquiria Link Bassani

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos alunos, que foram o objeto do meu estudo e que estão sempre contribuindo para o meu aprendizado e minha realização profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

- Em primeiro lugar agradeço Deus por ter me iluminado a todos os momentos.
- Aos meus pais Diomedes e Ilda que me deram a vida.
- Ao meu marido Dirceu que soube compreender e me apoiar nos momentos difíceis em que me encontrei.
- À minha filha Michele e a meu genro Juliano pelo carinho, paciência e dedicação durante essa caminhada.
- Aos meus irmãos e cunhadas pelo constante incentivo em todos os projetos de minha vida.
- Aos professores, e em especial a orientadora professora Natália de Lacerda Gil e a tutora Márcia pela orientação, carinho e dedicação de compartilhar comigo seus conhecimentos.
- À professora Geny, pela atenção e carinho em toda a caminhada.
- A todos os amigos que de alguma forma se fizeram presentes nessa jornada.
- As minhas queridas amigas Cátia, Fátima, Sandra e Zélia pelo apoio e carinho nos momentos difíceis dessa caminhada.

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a Literatura Infantil tem papel importantíssimo na vida da criança, por ter influência direta na formação de atitudes e valores, oferecendo oportunidades de viver o imaginário e favorecendo a visão original da realidade, os contos de fadas se tornam elementos importantes por trazerem concepções e visões de outras épocas, com seus valores e conceitos escritos em situações e países diferentes. Embora estes contos tenham passado de geração para geração, eles ainda encantam as crianças nos dias atuais, conseguem fazer com que estas vivenciem situações imaginárias através deles e se mostrem fascinadas pela magia contida em seu interior.

Diante destas considerações, este trabalho se propôs a questionar o motivo que leva a criança pós-moderna, inserida em um contexto de avanços tecnológicos, a se encantar pelos contos de fadas. De onde viria o encantamento por esta literatura que vem sendo contada no decorrer dos tempos e que traz valores e concepções de pessoas que viveram em mundos completamente diferenciados dos nossos? Para responder a esta questão foi necessária uma análise desta literatura, bem como um estudo de dados e reflexões sobre observações em sala de aula.

Ao refletir sobre o encantamento do pequeno ouvinte, é possível dizer que o conto por si só já cumpre a tarefa de encantá-lo, devido ao contexto maravilhoso e fantástico que proporciona à criança, trazendo culturas e histórias encantadoras, vividas em tempos e locais que muitas vezes estão distantes da sua realidade e fora de seu alcance, o que permite a ele fazer a sua viagem própria. Com esse intuito proporcionei aos meus alunos a “hora do conto”, por considerar um momento relevante no ambiente educacional, tanto para formação do leitor como para o desenvolvimento da criança enquanto ser humano, no encontro com seu mundo interno povoado de imagens e questões que devem ser compreendidas, para que se tornem adultos conscientes e equilibrados, interagindo no contexto social.

Sendo assim, realizei um estudo com meus alunos tendo como objetivo de refletir e verificar junto às crianças o porquê do seu encantamento frente aos contos de fadas. Cabe ressaltar que o mesmo foi realizado no decorrer da “hora do conto” e que a partir das histórias contadas as crianças recontavam as mesmas, expressavam o que sentiam e responderam a questionários. As falas e reações das crianças foram surpreendentes e bem variadas, sendo que sempre havia uma relação com o cotidiano dos mesmos.

Através deste estudo proponho uma reflexão mais consciente sobre este gênero literário que encanta as crianças e adultos, chamando a atenção para a influência que pode exercer sobre os pequenos e defendendo que, portanto, deve ser trabalhado e compreendido em sala de aula para que possa auxiliar na formação da infância, mesmo que numa sociedade tão diferenciada daquela em que tais contos surgiram.

PALAVRAS CHAVE: Pedagogia de Contrato

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1. Sobre os Contos de Fadas	10
1.1. A Origem dos Contos de Fadas	11
1.2. Concepções	15
1.3. Herói em Desenvolvimento	19
1.4. Imaginando o que foi Imaginado	20
CAPÍTULO 2. Uma Experiência escolar com os Contos	22
2.1. Barba Azul	23
2.2. O Pássaro de Ouro	25
2.3. A Fada Pluminha	26
CAPÍTULO 3. Os Contos de Fadas na Perspectiva Infantil	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso concentra a atenção na literatura infantil, considerando que a mesma é vista na sociedade pós-moderna como elemento importante na construção e formação de valores e atitudes no universo infantil. Especificamente os Contos de Fadas, como sendo parte deste universo, se constituem em gênero significativo para a formação das crianças, uma vez que trazem conceitos e valores de diferentes situações, épocas e países.

O interesse por essa temática surgiu a partir do trabalho desenvolvido com meus alunos, a partir dessas histórias que se caracterizam por sua magia e encantamento, que continuam vivas no decorrer dos tempos, fazendo com que crianças e adultos se emocionem, se encantem e vivenciem no seu mundo imaginário, situações mágicas. A humanidade vive hoje tempos em que os meios de comunicação alcançam quase toda a população e a televisão leva às casas das crianças programas infantis como desenhos e filmes. Enfim, uma variedade de opções de entretenimento. Dentro deste contexto, cada dia se torna mais difícil desenvolver na criança o hábito da leitura infantil.

A hipótese aqui considerada é de que os pequenos se identificam com os heróis das histórias e experimentam variadas emoções com suas aventuras, auxiliando na formação da personalidade infantil. Para verificar essa hipótese, optou-se por analisar alguns destes contos, objetivando identificar porque as crianças pós-modernas ainda se encantam com os conteúdos existentes nos contos de fadas. Através de observações e experiências nas escolas, nos deparamos com alunos que ficam encantados no momento em que ouvem um conto de fadas, viajam pelo universo imaginário, demonstrando o quanto gostam desta atividade de hora de conto. Partindo do pressuposto de que a leitura é a base do conhecimento e que o leitor se forma no exercício da leitura, é preciso destacar a importância de motivar os educandos no sentido de desenvolverem o prazer pela literatura e a

reflexão sobre as obras trabalhadas, interagindo com os textos e vivenciando experiências concretas e imaginárias através deles.

Pretendendo elucidar esse aspecto, buscou-se investigar a importância da Literatura Infantil, mais especificamente dos contos de fadas, para o desenvolvimento afetivo e intelectual das crianças. Com o intuito de aprofundar tal compreensão, os alunos dos quais eu sou professora na Escola Municipal Ivete Serafini foram observados nas situações de hora do conto, de leitura compartilhada, no momento da leitura, na troca de idéias, na retirada de livros na biblioteca da escola e em diferentes momentos propiciados à leitura.

A pesquisa junto aos sujeitos mencionados tinha por objetivo identificar os motivos que levam a criança do mundo de hoje, uma sociedade repleta de opções de entretenimento e com um avanço tecnológico considerável, a ainda se encantarem com o universo dos contos de fadas e viajarem com os personagens nas histórias. Tal esforço se justifica pela importância do tema, visto que com este estudo é possível constatar aspectos relevantes que influenciam os pequenos, percebendo como na escola pode-se trabalhar com seus medos, angústias, individualidades, pré-conceitos, afetividade e demais elementos na construção de sua personalidade. Também é preciso destacar que um estudo dessa natureza tem início com uma reflexão sobre o ponto de partida para a fantasia, como elementos que possibilitam entrar no mundo mágico e viver situações que, muitas vezes, no mundo real seriam impossíveis. O universo dos contos de fadas se constitui de histórias sonhadas e imaginadas em diversos contextos, cultura e visão de mundo diferenciados. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as auto - descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro. O estudo aqui apresentado traz, ainda, um olhar sobre a Literatura Infantil e a sua relevância no contexto escolar, bem como contribui com considerações sobre como deve ser trabalhada a hora do conto, para que a criança consiga interagir com a história contada.

CAPÍTULO 1. SOBRE OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas são uma variação do conto popular ou fábula. Partilham com estes o fato de serem uma narrativa curta, transmitida oralmente, onde o herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de triunfar contra o mal. Caracteristicamente, envolvem algum tipo de magia, metamorfose ou encantamento, e apesar do nome, animais falantes são muito mais comuns neles do que as fadas propriamente ditas. Alguns exemplos: "Rapunzel", "Branca de Neve e os Sete Anões" e "A Bela e a Fera".

Etimologia

A palavra portuguesa "fada" vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, fado etc). O termo se reflete nos idiomas das principais nações europeias: *fée* em francês, *fairy* em inglês, *fata* em italiano, *Fee* em alemão e *hada* em espanhol. Por analogia, os "contos de fadas" são denominados *conte de fées* na França, *fairy tale* na Inglaterra, *cuento de hadas* na Espanha e *racconto di fata* na Itália. Na Alemanha, até o século XVIII era utilizada a expressão *Feenmärchen*, sendo substituída por *Märchen* ("narrativa popular", "história fantasiosa") depois do trabalho dos Irmãos Grimm.

No Brasil e em Portugal, os contos de fadas, na forma como são hoje conhecidos, surgiram em fins do século XIX sob o nome de *contos da carochinha*. Esta denominação foi substituída por "contos de fadas" no século XX. (Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.)

1.1 A Origem dos contos de fadas

De acordo com Coelho (1987), os primeiros registros dos contos de fadas datam de 4.000 a.C, feitos pelos egípcios, com o "Livro do Mágico". Na sequência apareceram na Índia, Palestina (Velho Testamento), Grécia Clássica, sendo o Império Romano o principal divulgador das histórias mágicas do Oriente para o Ocidente. A materialidade sensorial do Oriente, com a luxúria da Arábia, Persa, Irã e Turquia, se contrapunham à cultura dos celtas e bretões no ocidente, cheia de magia e espiritualidade. O registro material dos contos de fadas começou no século VII, segundo Coelho, com a transcrição do poema épico anglo-saxão *Beowulf*.

As fadas aparecem no século IX, no livro denominado *Mabinogion*. Nele não só surgem as fadas, como a transformação das aventuras reais que deram origem ao Ciclo Arturiano.

No século XII, mais precisamente em 1155, o Romance de Brut de Wace retomam as aventuras lendárias do Rei Arthur e seus cavaleiros. Neste mesmo século, Os *Lais* de Marie de France, gênero de poema narrativo ou lírico, que continha temas das novelas de cavalaria do ciclo do rei Arthur, divulgaram a cultura céltico-bretã pelas cortes da Europa e sua absorção pelo cristianismo (COELHO,1987).No século XIV é que surge, na Europa, segundo Bettelheim (1980), a primeira coleção de contos com motivos do folclore europeu denominada "*Gesta Romanorum*", de origem persa, escrita em latim, precedendo a famosa coleção .

No século XVI, de acordo com Coelho (1987), surge "Noites Prazerosas", de Straparola e "O Conto dos contos", de Basile. No fim deste e início do século XVII, o racionalismo clássico perdeu força e deu margem a uma literatura que exaltava a fantasia, o imaginário. Nesta época destaca-se Mme. D'Aulnoy com "Contos de Fadas", "Novos Contos de Fadas" e "Ilustres Fadas". Segundo Coelho (1987), no início, os contos de fadas não eram uma literatura para crianças. O início dessa transformação teria se dado com

Perrault , no século XVII, na França; com os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha; com Andersen no século XIX, na Dinamarca; e com Walt Disney no século XX, na América. Mas, para Cashdan (2000), a transformação dos contos de fadas em literatura infantil teria ocorrido no século XIX, nos países de língua inglesa, pelo trabalho de vendedores ambulantes, que viajavam por diversos povoados vendendo pequenos volumes baratos. Continham as histórias simplificadas do folclore e dos contos de fadas, sem as passagens mais fortes, sendo de fácil leitura.

Charles Perrault nasceu na França em 1628 e morreu em 1703. Publicou os "*Contos de ma Mère l'Oye*" (contos da Mamãe Gansa), cuja capa do livro era a imagem de uma velha fiandeira, devido à tradição da época de mulheres contarem histórias enquanto fiavam. Sua literatura de início não era voltada para crianças, mas com a adaptação de "A Pele de Asno" manifestou sua intenção de escrever para elas, principalmente orientando-as moralmente. Seus principais contos são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique de Topete e O Pequeno Polegar (COSTA e BAGANHA, 1989). Os irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) - linguistas e folcloristas, por 13 anos colecionaram histórias recolhidas da tradição oral, esperando caracterizar o que havia de mais típico no espírito alemão. Publicaram um primeiro volume em 1812, que continha o que recolheram em Hessen, nos distritos de Meno e Kinzing, do condado de Hanau, onde nasceram. O segundo volume foi concluído em 1814.

A maior parte das lendas do segundo volume foi-lhes contada pela senhora Viedhmaennin, uma camponesa oriunda da aldeia de Niedezwehn, perto de Kassel. Jacob era o mais intelectualizado dos irmãos, mas Wilhelm era quem detinha o entusiasmo e a inspiração da poesia; juntos chegaram a editar 210 histórias, a maior parte delas encontrada nos dois volumes originais. São deles as histórias: Pele de Urso, A Bela e a Fera, A Gata Borralheira e João e Maria (PAVONI, 1989).

Hans Christian Andersen (1802-1875) era filho de um humilde sapateiro e de uma mãe iletrada, mulher supersticiosa que o influenciou bastante por passar-lhe a tradição oral do campo. Em 1835 publicou histórias Contadas às Crianças, com seus quatro primeiro contos. Até 1872, produziu 168 histórias. Suas histórias trabalhavam com o código social e eram inspiradas na sua infância sofrida, trazendo uma moral ou ensinamento. Destacam-se: A Roupas Nova do Imperador, O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, A Pequena Sereia, A Pequena Vendedora de Fósforos, A Princesa e a Ervilha (COELHO,1987).

Walt Disney (1901-1966) foi um cineasta, produtor estadunidense de desenhos animados e animador. Não criou nenhum conto, mas ficou conhecido pelas releituras que fez dos contos de fadas, como a primeira “Branca de neve e os sete anões”, animação lançada nos cinemas, que na época (como nos tempos atuais) era uma poderosa aliada midiática. As histórias eram facilmente compreensíveis, refletindo os valores médios da tradição americana (COSTA e BAGANHA, 1989). Coelho (1987) também afirma que a fantasia básica dos contos de fadas expressa os obstáculos ou provas que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização. Partem de um problema vinculado à realidade e seu desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real.

Essas narrações acabaram transformando-se em mitos, mantidos e transmitidos como preciosos tesouros nas sociedades tribais (MENDES, 2000). Através do mito, segundo Mendes, pode-se entender a realidade social de um povo, sua economia, seu sistema político, seus costumes e suas crenças.

Os contos de fadas, por sua vez, se subdividem em contos de fadas ou de encantamento, contos de fadas legendários ou religiosos, contos de fadas novelísticas e contos de fadas sobre gigante, ogro ou diabo logrado. Dessa subdivisão, os contos de fadas ou encantamento, também se dividem em

contos com opositor sobrenatural, contos com cônjuge (ou outro parente) sobrenatural ou enfeitado, tarefa sobrenatural, ajudante sobrenatural, objeto mágico, poder ou conhecimento mágico e contos com outros elementos mágicos (VOLUBUEF, 2007).

Fadas: são os seres que fadam, isto é, orientam ou modificam o destino das pessoas. Fada é um termo originado do latim *fatum*, que significa destino". (MACHADO, 1994. p. 44)

A autora também define os contos maravilhosos, como:

[...] narrativas sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas, poder material etc. Geralmente, a miséria ou a necessidade de sobrevivência física é o ponto de partida para as aventuras da busca. Eles se originam das narrativas orientais, e enfatizam a parte material/sensorial/ética do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo, vontade de poder), suas paixões do corpo (COELHO, 1987, p.13).

A milenar medicina hindu acreditava que os contos de fadas tinham poder terapêutico através de sua meditação, que levava à visualização da natureza do conflito existencial que estava causando a perturbação e ao caminho para a resolução. Mas foi a psicanálise quem ofereceu as maiores contribuições na análise dos significados mais profundos dos contos de fadas, propondo-se a desvendar significados manifestos e encobertos da mente consciente, pré-consciente e inconsciente, tendo em Jung seu maior representante (BETTELHEIM, 1980).

1.2 Concepções

Em sua origem, os contos de fadas nada mais eram do que relatos de fatos da vida dos camponeses, recheados de conflitos, aventuras e pornografias sendo assim pouco indicados serem contados para as crianças. Esses relatos apenas serviam como entretenimento; anos mais tarde com a descoberta das fadas, que eram a idealização de uma mulher perfeita, linda e poderosa, a qual era dotada com poderes sobrenaturais, vê-se a necessidade de utilizar tais histórias aliadas também à educação, já que as crianças gostavam muito desses contos e a fantasia inserida neles estava ajudando a formar a personalidade das mesmas.

Os contos também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer da narrativa. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. Essa é a importância dos contos, mas o que vem a ser um conto de fadas?

De acordo com Vera Teixeira de Aguiar

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo. AGUIAR, Vera Teixeira de. Era uma vez (contos de Grimm). Porto Alegre, Kuarup.1990.

Aguiar resume, em sua concepção sobre o conto de fadas, que as crianças se utilizam deles para conseguir lidar com problemas reais,

enfrentando-os com a coragem de um adulto e com a inocência de uma criança.

Já Nelly Novaes Coelho diz que os contos de fadas são narrativas que giram em torno de uma problemática espiritual, ética e existencial, ligada à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do amor. Daí se explica suas aventuras terem como motivo central o encontro, a união do cavaleiro com a amada (princesa ou plebéia), após vencer grandes obstáculos proporcionados pela maldade de alguém.

Plenos de significados, com estrutura simples, histórias claras e personagens bem definidos em suas características pessoais, os contos de fadas atingem a mente das crianças, entretendo-as e estimulando sua imaginação, como nenhum outro tipo de literatura talvez seja capaz de fazer. Assim contribuem para a formação e até para a transformação da personalidade desses pequenos leitores. Sugerindo soluções simples, os contos, já que referem-se aos problemas interiores, promovem o desenvolvimento de recursos internos e criam soluções para tais dificuldades a serem enfrentadas no decorrer do seu crescimento. É o que afirma Bruno Bettelheim:

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança". (BETTELHEIM, 2004, p-20).

Bettelheim apenas ressalta que, num conto de fadas, os processos internos são externalizados e tomam-se compreensíveis enquanto representados pelas figuras da história e seus incidentes. Assim, a suprema importância dos contos de fadas para as crianças em crescimento reside em algo mais do que ensinamentos sobre as formas corretas de se comportar, eles são terapêuticos, porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a "história" parece implicar acerca de seus conflitos

internos neste momento da vida. Tornando-se característica marcante dessa área, o poder de lidar com conteúdos da sabedoria popular e conteúdos essenciais da condição humana, por isso, eles vivem até hoje e continuam envolvidos no mundo maravilhoso, universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real e concreta, sempre lidando com emoções.

Os contos começam de maneira simples e partem de um problema ligado à realidade como a carência afetiva de Cinderela, a pobreza de João e Maria ou o conflito entre filha e madrasta em Branca de Neve. Na busca de soluções para esses conflitos, surgem as figuras “mágicas”: fadas, anões, bruxas malvadas. E a narrativa termina com a volta à realidade, em que os heróis se casam ou retornam ao lar.

Bettelheim, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* diz:

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fada (a criança) pode se encontrar; e fazendo-o, encontrará também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança – em termos que ela pode entender tanto na sua mente inconsciente quanto consciente – ao abandonar seus desejos de dependência infantil e conseguir uma existência mais satisfatoriamente independente. (1980,p.19)

A fantasia facilita a compreensão das crianças, pois se aproxima mais da maneira como vêem o mundo, já que ainda são incapazes de compreender respostas realistas. Não esqueçamos que as crianças dão vida a tudo. Para elas, o sol é vivo, a lua é viva, assim como todos os outros elementos do mundo, da natureza e da vida.

Ainda de acordo com Bettelheim (1980, p.13), para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades; e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a

perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos da personalidade da criança e isso sem nunca menosprezá-la, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e simultaneamente promover a confiança nela mesma e no seu futuro.

Sem dúvida nenhuma, um dos meios mais preciosos que existe de se falar ao coração é a literatura; ela é encantadora, capaz de nos mover sem sairmos do lugar. É fascinante reconhecer o quanto uma leitura é capaz de explorar a nossa imaginação, mexer com nossos sentimentos mais íntimos e contribuir no desenvolvimento da imaginação, da fantasia e até mesmo da personalidade humana.

1.3 Herói em desenvolvimento

Herói é o personagem que vive grandes aventuras e consegue vencer todos os problemas que surgem à sua volta. Por isso ele é considerado o personagem principal, cujas ações, pensamentos e sentimentos acompanhamos com maior interesse. O herói é também chamado protagonista da história. Nem sempre o herói é um personagem com qualidades positivas. Existem heróis que são atrapalhados, malandros e vivem grandes situações de embaraço, mas continuam sendo protagonistas. Estes são conhecidos como anti-heróis. (MACHADO, 1994, p. 45)

O que salva o herói é seu grau de amadurecimento, e este é alcançado sempre fora da casa paterna. A mensagem oculta é a de que precisamos de nossos pais, mas para crescer temos de nos libertar da dependência deles.

Bettelheim destaca que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de auto valorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e

conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (1980,p.16)

O maravilhoso sempre foi, e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam, o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens vai agir em seu inconsciente, atuando pouco a pouco para ajudar a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. É durante essa fase que surge a necessidade da criança defender sua vontade e sua independência em relação ao poder dos pais ou à rivalidade com os irmãos ou amigos. Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Pode assim superar o medo que a inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto.

Se o aspecto principal na definição do conto popular, enquanto gênero literário, é a organização do motivo e das motivações dos personagens, no conto maravilhoso é necessário acrescentar um outro elemento: o encantamento provocado pela ação de um ser sobrenatural. Num momento de grande conflito, um ser sobrenatural intervém no destino do herói e modifica totalmente sua vida. É isto que define o conto de fadas, tornando-o distinto das demais narrativas literárias.

1.4 Imaginando o que foi imaginado

O maravilhoso dos contos de fadas faz com que aos poucos a magia, o fantástico, o imaginário deixem de ser vistos como pura fantasia para fazer parte da vida diária de cada um, inclusive dos adultos que já se permitem em muitos momentos se transportar para este mundo mágico, onde a vida se torna mais leve e bem menos operativa.

Imaginação s.f.(lat.*imaginatio, imaginationis*). 1. Faculdade que permite elaborar ou evocar, no presente imagens e concepções novas, de encontrar soluções originais para problemas. 2” Faculdade de inventar, criar, conceber”. (Dicionário CULTURAL. 1992, p. 604)

Todo conto popular revela uma tendência muito grande para o encantamento: aquelas situações em que ocorrem transformações provocadas por algum tipo de magia, que não são explicadas de modo natural. Há a esse tipo de história em que o encantamento ocorre em qualquer circunstância, pois o elemento mágico está presente em toda parte. Mas há também, um tipo de conto maravilhoso em que as transformações são privilégios de alguns seres encantados, dotados de poderes sobrenaturais. As narrativas mais significativas deste modelo são as histórias dos contos de fadas. São as histórias que, como o próprio nome diz, se concentram nos poderes mágicos das fadas, dos magos ou de algum outro ser dotado de poderes sobrenaturais.

Ainda que não se possa localizar no tempo a origem desses seres, a nossa tradição cultural se encarregou de definir as fadas como seres simbólicos, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, concentrados em suas varinhas mágicas. Por isso, elas sempre aparecem nos momentos de grandes conflitos, quando as pessoas pensam que seu destino está tomado por uma fatalidade da qual é impossível fugir. Assim sendo, o conto de fadas torna-se uma manifestação valiosa na representação dos sonhos e dos desejos humanos, os mais profundos e significativos.

CAPÍTULO 2. UMA EXPERIÊNCIA ESCOLAR COM OS CONTOS

As relações entre literatura e escola possuem aspectos comuns e divergentes. Comuns, pois as duas são de natureza formativa e divergentes pois a escola busca transformar a realidade viva e sintetizá-la nas disciplinas. Nesse processo de síntese, interrompem-se os vínculos com a vida atual. Já a literatura infantil sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente.

Segundo Zilbermann

O sistema de clausura coroa o processo: a escola fecha suas portas para o mundo exterior [...]. As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade [...] É por omitir o social que a escola pode se converter num dos veículos mais bem sucedidos da educação burguesa; pois a partir desta ocorrência, tornou-se possível a manifestação dos ideais que regem a conduta da camada do poder, evitando o eventual questionamento que revelaria sua face mais autêntica. (ZILBERMAN, 1985, p. 19).

O professor precisa estar consciente dessas questões e trabalhar para que a relação literatura e escola aconteçam de forma harmônica. Um dos passos que precisa ser bem construído refere-se à escolha dos textos e à adequação dos mesmos ao leitor. O mais importante que resta disso tudo é que nunca esqueçamos a lição: crianças, jovens ou adultos no mundo das fadas, todos seguimos encantados e felizes para sempre!

Foi com essas questões em vista que desenvolvi o estudo aqui apresentado. A experiência foi realizada com a turma de quinto ano na qual leciono, na Escola Ivete Serafini no município de Gravataí, e consiste em um trabalho que objetivou refletir e verificar junto às crianças o porquê do seu encantamento frente aos contos de fadas.

Foram realizadas Horas do Conto com histórias como “Barba Azul”, “ O Pássaro de Ouro” e a “Fada Pluminha”, a partir das quais segue uma análise de atividades feitas com esses alunos. A partir dessa experiência, as crianças recontaram as histórias, falaram sobre o que sentiam e responderam a

questionários sobre o tema. Os contos trabalhados no decorrer das observações direcionadas a este estudo tratam de histórias que apresentam personagens diversificadas vivendo situações que muitas vezes podem ser relacionadas com o cotidiano da sociedade atual. Portanto, as limitações da vida humana e a proximidade das situações básicas produzem contos que são muito semelhantes em todos os aspectos estruturais.

Neste prisma, o trabalho com as histórias infantis é rico porque além de auxiliar a criança em seus conflitos internos, contribui para a formação do caráter de cada uma delas através de questões que podem ser aplicadas em suas vidas cotidianas, como a solidariedade, a amizade, o respeito por si e pelo outro, a valorização da vida.

2.1. Barba Azul

Iniciei a pesquisa com a hora do conto, apresentando aos pequenos ouvintes o “Barba Azul”. Percebi neste momento que eles realmente entravam na história, prestando muita atenção em cada palavra, em cada imagem mostrada no livro.

Em seguida solicitei que falassem do conto, as partes que mais gostaram e o porquê deste gostar. Desse modo, pude perceber que os alunos relacionaram o conto muito com a violência vivida e verificada em nossa sociedade atualmente. Após estes questionamentos, solicitei que desenhassem alguma parte do conto que tivesse sido mais significativa para eles. Percebi que a maldade do personagem, a morte de suas esposas e a desobediência das mesmas causaram um impacto muito grande nesta escolha.

Esta história contada às crianças provocou uma série de sensações diferenciadas, talvez por seu conteúdo um tanto violento e assustador. Barba Azul, (os contos aqui trabalhados encontram-se em anexo) de Hans Christian Andersen conta a vida de um homem que matava suas mulheres pela

desobediência destas. Para Bettelheim este é um dos mais monstruosos e animalescos de todos os maridos que aparecem nos contos. De acordo com o autor, esta história não chega a ser um conto de fada porque não existe nada de mágico ou sobrenatural na história, sem desenvolvimentos dos personagens, sendo que a história por ser tão violenta, perpassa aos pequenos leitores além da violência também o lado egoísta de reter, guardar e até mesmo subestimar as pessoas as quais amamos, mesmo que no final da história o mal tenha sido castigado.

... não há dúvidas que “Barba Azul” é uma história que corporifica duas emoções, não necessariamente correlatas, conhecidas da criança. Em primeiro lugar, o amor ciumento, quando desejamos tanto guardar nossos amados para sempre que estamos até dispostos a destruí-los para que não transfiram a lealdade para outrem. Em segundo lugar, as emoções sexuais podem ser terrivelmente fascinantes e tentadoras, mas são também muito perigosas. (BETTELHEIM, 1980, p.341)

Os comentários da turma com relação ao conto foram diversos, alguns gostaram, outros acharam violento e as representações pictóricas foram diversificadas também. A turma que participou desta atividade estava composta por 29 alunos, os quais relataram suas impressões sobre a história. O que chama a atenção é que em suas escritas, 09 alunos destacaram a relação do Barba Azul com os dias de hoje, porém sem matar a esposa e sim referindo-se a maltratá-la, afirmando que isso acontece em nossa sociedade. Este foi o comentário que mais apareceu nos relatos, nos remetendo às considerações e análises teóricas realizadas anteriormente, quando a criança se identifica com o conto e tenta resolver seus conflitos através dele, no seu mundo imaginário.

Em seguida, o que mais surge é a admiração da criança pelos heróis da história, os irmãos da esposa que chegam na hora exata e matam o homem mau. Este senso de justiça é observado através de 11 relatos, porém em um destes, apesar do senso de justiça estar claro, a representação pictórica do educando consiste no Barba Azul dizendo "Coitado de mim, os dois me mataram".

Em cinco trabalhos aparece destacado, como parte mais interessante da história, o momento em que a mulher abre a porta e encontra os cadáveres das ex-esposas. Essa desobediência pode ser interpretada aqui como uma não submissão da mulher nos dias atuais, sendo que atualmente a mulher conquistou sua liberdade e foi em busca de novos ideais, deixando de lado a submissão ao marido. Ainda assim, a visão interiorizada da criança é de que não devem existir segredos, pois os mesmos podem trazer consequências muitas vezes não muito boas. Três delas destacaram que a mulher realmente não deveria ter desobedecido ao marido. Um aluno se mostrou assustado com as mortes que aparecem na história, dois disseram que isso não existe nos dias de hoje e um mudou o conteúdo do conto. Essa pode ser uma fuga da realidade, uma forma de interiorizar e assimilar o contexto da história, como também o medo que pode existir em seu contexto social.

Concordando com a observação de Bettelheim, é possível perceber que Barba Azul não se enquadra nas características de um conto de fada, visto que está ausente o conteúdo fantasioso, porém, com esta experiência, percebe-se que ele vem ao encontro direto da realidade de nossa sociedade. Pode não ser necessariamente na vivência do educando, mas estes fatos são relatados pela mídia diariamente.

2.2. O Pássaro de Ouro

Aqui também o trabalho foi realizado através da hora do conto e seguido por uma conversação sobre o conto, sendo que as crianças responderam a alguns questionamentos como o que aprenderam com a história e depois fizeram uma representação pictórica da mesma.

Esta história trabalhada passou para as crianças valores como solidariedade, obediência, amizade, entre outros. Quando questionados sobre o que aprenderam com o Pássaro de Ouro, as crianças foram claras e diretas: devem seguir bons conselhos de pessoas boas, ou seja, devem saber

identificar e separar o que é bom e o que é ruim na vida. Trabalharam a humildade, o conceito de amizade e de responsabilidade com seus deveres. A noção de caráter como qualidade no meio social, bem como a importância da família na constituição da sociedade.

A história é bem longa, porém prende a atenção dos ouvintes, pois a cada encontro da raposinha com os personagens, a mesma aconselha-os qual deve ser o caminho correto e como devem agir, sendo que cada um optou por sua escolha e tiveram que arcar com as consequências de seus atos. Na fala dos alunos fica evidente a importância de saber ouvir e fazer a escolha certa, mesmo que as tentações sejam maiores. Ficou evidente também, através dos desenhos, que os alunos registraram os conselhos que a raposinha dava. Os mesmos eram representados de forma correta, como no caso da gaiola de madeira e assim sucessivamente.

2.3. A Fada Pluminha

Mais uma vez o trabalho com a história iniciou-se na hora do conto, onde as crianças mostraram-se atentas e envolvidas no processo, demonstrando uma grande interação com a obra, inclusive fazendo intervenções e se colocando no lugar do personagem.

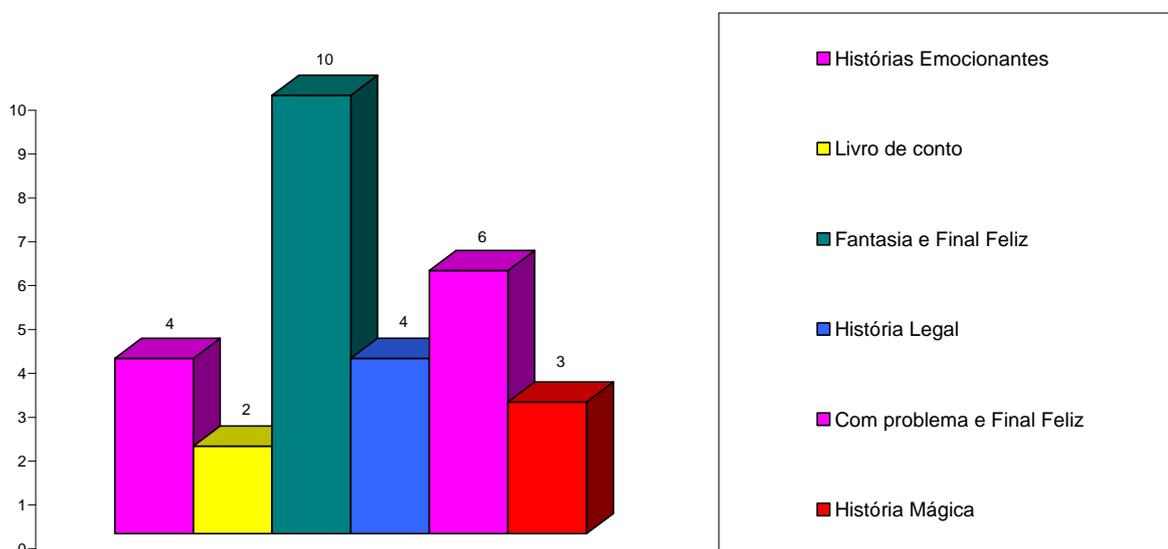
Em seguida, foi proporcionado um momento à turma para que expressasse tanto verbalmente como graficamente o que mais gostou no conto e, em seguida, recontando a história à sua maneira, com a representação pictórica da mesma. Percebi que para eles este é um verdadeiro conto de fada, com príncipe, princesa, madrasta malvada e fada boa. Porque existe no conteúdo da história toda uma magia do jardim e a ajuda da fada Pluminha diante dos problemas da menina boa. No decorrer dos relatos das crianças, é possível observar dois momentos que foram sempre comentados e ressaltados. Quando a menina boa ganha o vestido de ouro, por ser merecedora deste, já que este merecimento veio de uma ajuda desinteressada,

passando a ideia de que se fizerem o bem receberão o bem no decorrer de suas vidas.

O segundo momento destacado é exatamente o contrário do primeiro, é quando a menina má recebe um banho de piche em seu vestido, sendo que percebem que o mau não traz vantagens, de modo que a menina má teve o que mereceu, na opinião dos alunos. Além de ser um conto gostoso e agradável, ele contribui na formação do caráter da criança, ao fazê-la perceber que suas atitudes dentro do contexto social no qual está inserida vão determinar a maneira como será vista e respeitada em seu meio.

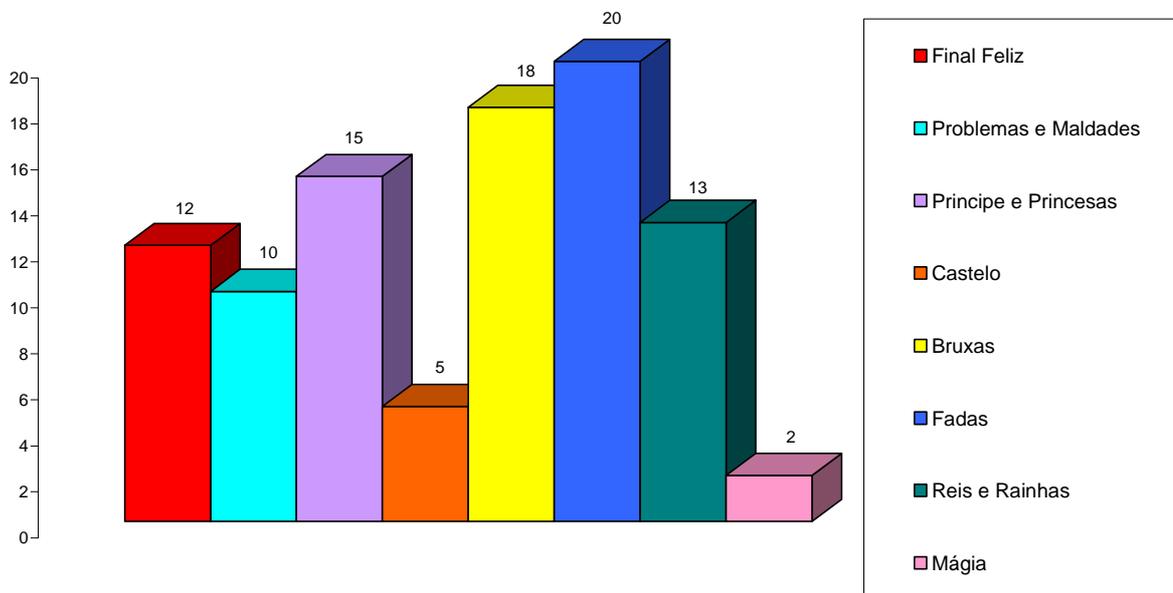
CAPÍTULO 3. OS CONTOS DE FADAS NA PERSPECTIVA INFANTIL

Visando desenvolver a problemática que perpassa este estudo, foi aplicado às 29 crianças, educandos da escola citada, um questionário (encontra-se em anexo) com o objetivo de verificar o que as encanta no mundo literário e o que realmente é para elas um conto de fadas. A primeira pergunta se refere diretamente à questão principal: O que é um conto de fada? As respostas variadas estão organizadas no gráfico a seguir:

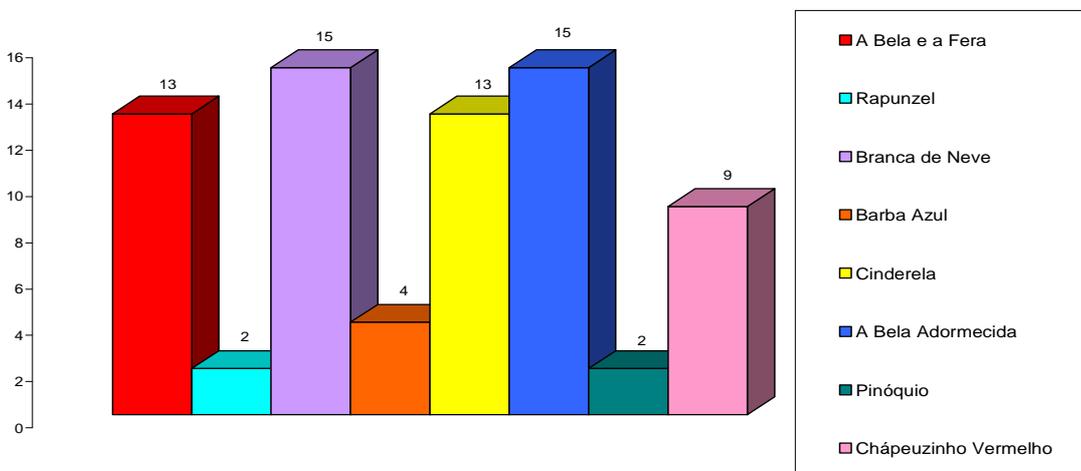


Observando o gráfico, torna-se evidente que o que mais chama a atenção da criança é que os contos de fadas sempre começam com problemas, com tristezas e sempre terminam com um final feliz, dando assim a impressão de que os problemas podem ser trabalhados e que no final se resolvem. Esta concepção de vida pode auxiliar a criança no seu desenvolvimento emocional e psíquico. Em seguida foram questionadas as características deste tipo de texto, ao que destacaram os problemas e as maldades que existem, bem como a existência das fadas. Em

seguida,destacaram os príncipes e as princesas e, chama atenção novamente, o final feliz que deve existir nos contos. De acordo com a representação seguinte:

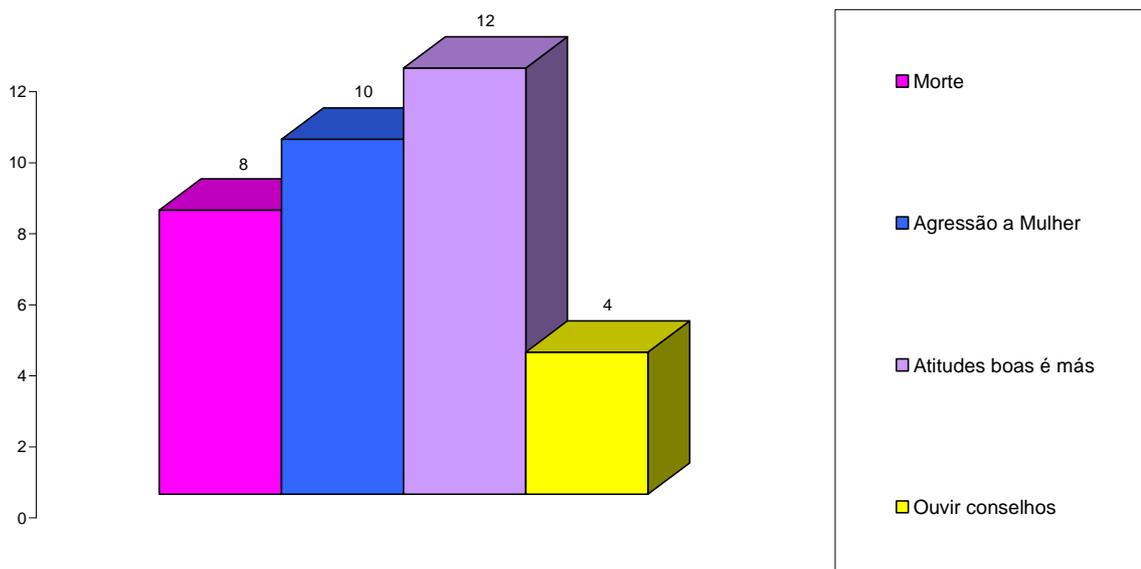


A terceira pergunta questiona a criança sobre o conto que mais gosta e porquê disto:



Nesta questão, algumas considerações elaboradas pelas crianças se destacaram quando diziam porque gostavam de determinada história. O amor e a magia aparecem em contos tradicionais como A Bela Adormecida, Cinderela e A Bela e a Fera. Ademais elas ressaltam a importância do amor possível entre ricos e pobres. A simplicidade da Branca de Neve apesar de ser princesa, e a bondade do caçador que não a matou também foram mencionados. Já Barba Azul foi citado como preferido por ser assustador e por ele matar suas esposas.

Um questionamento que é importante de ser refletido diz respeito à situação de vida que a criança associa à problemática do conto:



Através deste gráfico, é possível observar que o que mais se destacou nos contos trabalhados com as crianças foram as atitudes que devem ser tomadas. Elas comentaram sobre fazer o bem para receber o bem em troca e sobre as maldades citadas. Em segundo lugar vêm as agressões às mulheres e a morte, relacionados à histórias do Barba Azul e que, como foi comentado

anteriormente, é uma situação que infelizmente enfrentamos na sociedade de hoje.

Em outro momento eles foram questionados sobre o porquê de os contos de fadas serem tão fascinantes, ao que responderam praticamente o que tinham comentado no questionário aplicado. As crianças se encantam com a magia dos contos, com os personagens imaginários que os fazem viajar por mundos diferentes, que fazem com que se sintam também personagens de cada história. O imaginário infantil faz um mergulho na literatura e consegue viver os contos, os acontecimentos, ou seja, sofrem com a Branca de Neve, se encantam com a Cinderela e se assustam com o Barba Azul.

Além destas questões, pode-se citar ainda a observação de alguns quando o mal era castigado, como por exemplo, as irmãs de Cinderela. Comprova-se assim, de acordo com as considerações realizadas no decorrer do trabalho, que os contos de fada contribuem para a formação do caráter do educando, fazendo com que resolva seus conflitos internos. O fato de poder ser repetido sem alteração, tantas vezes quantas as crianças desejarem, contrariamente ao cotidiano da criança que, por mais rotineiro, que seja é feito de mudanças, também foi destacado. Além disso, os contos, com desaparecimentos e reaparecimentos, morte incompleta dos bons e morte definitiva dos maus, funcionam de acordo com as fantasias da criança.

A vantagem do conto sobre a realidade, neste aspecto, consiste no fato de que enquanto, nesta última, a criança jamais terá certeza do retorno dos desaparecidos ou do sumiço definitivo daqueles que teme ou odeia, no conto tudo isto lhe é assegurado, a presença e a ausência ficando apenas na dependência dela própria o que, para tanto, exige a narração e a repetição. (CHAUI, 1984, p.36)

Durante o processo de reflexão sobre os contos de fadas, foi possível identificar vários modelos representativos de gênero que já haviam aparecido na bibliografia consultada e discutidos no decorrer do estudo: a família de

classe média, a mulher bonita, a possibilidade do amor entre príncipe e uma moça pobre, ou até mesmo a simplicidade da Branca de Neve apesar de ser uma princesa. Estas considerações comprovam que as crianças estão relacionando os contos à vida real, ao contexto no qual estão inseridas.

Desta forma, percebe-se que os contos de fadas cumprem relevante papel no desenvolvimento da criança. São expressões do mundo psicológico profundo de cada pequeno leitor/ouvinte. Partindo de uma estrutura mais simples que os mitos e as lendas, com conteúdos muito mais ricos que o mero teor moral encontrado na maioria das fábulas, são os contos de fadas que contêm a fórmula mágica capaz de envolver a atenção das crianças, despertando-lhes sentimentos internalizados e valores que estão sendo questionados em um desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo esteve focado na questão dos contos de fadas encantarem as crianças do nosso mundo pós-moderno, verificando a influência destes no contexto social dos pequenos, no seu desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e psicológico. A proposta foi realizar uma reflexão sobre alguns temas relacionados ao contexto da literatura infantil, bem como aprofundar o estudo teórico a partir de autores como Bettelheim, Chauí, entre outros.

No decorrer do trabalho surgiram várias questões que foram sendo refletidas durante a pesquisa. Ciente de que a literatura infantil é um instrumento relevante para a formação da criança, em primeiro lugar gostaria de expor a importância de o educador realizar um trabalho sério com este gênero literário que é o conto de fada, porque ele vem repleto de magia e encantamento, de situações com as quais a criança se identifica e interage, portanto deve ser um momento planejado e refletido seriamente. Procurei com este estudo chegar mais perto dos contos de fadas, praticamente iniciando uma conversa com eles, com o objetivo de compreender e também interagir junto com as crianças, analisando cada encanto, cada magia, cada momento da obra e a influência que ela pode ter no nosso mundo imaginário.

Baseada nesta reflexão, buscou-se sentido nos contos, partindo do pressuposto de que para alcançar determinado objetivo é necessário fazer a escolha adequada da obra literária, localizando livros que estimulem a formação de atitudes, o desenvolvimento intelectual e emocional da criança, verificando o momento e a realidade para trabalhar determinado conto.

O ponto culminante deste estudo foi o relato das experiências realizadas através da “hora do conto”, onde foi possível perceber que as crianças ficam encantadas, viajam em cada conto, sentindo-se os próprios personagens das histórias e sensibilizando-se com cada situação, com cada acontecimento. Esta observação, subsidiada pela pesquisa teórica, nos proporciona chegar a algumas considerações sobre os motivos que levam os pequenos

leitores/ouvintes pós-modernos a gostarem da forma literária que caracteriza os contos de fadas. Todas as crianças estão submetidas às vontades e ao poder dos adultos, vivem situações que consideram muitas vezes injustas, sonham com o dia em que as pessoas irão descobrir que a sua opinião também é importante. É maravilhoso para a criança pressentir que essa descoberta pode acontecer que chegará o dia em que poderá participar ativamente da sociedade e ser respeitada.

Neste contexto, podemos dizer que os contos de fadas aumentam a auto-estima das crianças tendo grande importância na sua formação emocional, psicológica, cognitiva e intelectual, conscientizando-as de que sua participação no contexto social é importante, visto que fazem parte das histórias. Esses contos são mais facilmente apreensíveis graças à sua estrutura, aos seus temas e à utilização de fórmulas de repetição. A sua linguagem metafórica permite à criança projetar-se em diferentes personagens e situações. Para refletir sobre a relação entre a interpretação do texto literário e a realidade, não há melhor sugestão do que obras infantis que abordem questões que envolvam situações do nosso tempo, apesar de serem escritas em outros tempos, com problemas universais que são inerentes ao ser humano.

Foi possível perceber, através das pesquisas, que os contos de fadas cumprem um papel relevante no contexto infantil. Eles são expressões simples de nosso mundo psicológico profundo, com conteúdo muito rico, são a “fórmula mágica” capaz de envolver a atenção das crianças, despertando-lhes sentimentos e valores importantes, tanto para elas, quanto para o adulto. Eles são capazes de nos envolver em seu enredo, de nos instigar a mente e comover-nos com a sorte de seus personagens. Causam impactos em nosso psiquismo porque tratam das experiências e situações vividas no cotidiano das pessoas, e permitem que nos identifiquemos com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, em situações que expressam a condição humana frente às provações da vida. Neste processo, cada criança trabalha suas próprias lições dos contos de fadas que ouve, de acordo com o seu momento de vida e tira

das histórias, ainda que inconscientemente, o que de melhor possa aproveitar para aí ser aplicado.

Portanto, os contos de fadas impressionam e encantam as crianças porque suas histórias são instigantes. Não há como alcançar completamente seu sentido em termos puramente intelectuais, fato que nos desperta a percepção intuitiva, necessitando o acesso ao nosso imaginário. Justamente pelo seu conteúdo fantasioso e não verdadeiro, atua em nosso mundo psíquico que, estimulado, aguça-se na tentativa de compreender as situações narradas nos contos. O significado desses contos está guardado na totalidade de seu conjunto, perpassando pelos fios de sua trama narrativa. Desta forma, entendemos que a Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo.

Assim, podemos dizer que o que encanta as crianças deste mundo pós-moderno é exatamente a forma como os contos são narrados, com seus conteúdos fantásticos, possibilitando atuar no imaginário infantil, fazendo com que trabalhem seus conflitos internos inconscientemente através das situações que são contadas. Seu conteúdo está repleto de motivações psicológicas, significados emocionais, linguagens simbólicas do inconsciente e também cumprem sua função de divertimento.

Apesar de todas as considerações, estou de acordo com Bettelheim quando diz que a maior contribuição dos contos de fadas é em termos emocionais, propondo-se, e realizando concretamente, quatro tarefas: fantasia, escape, recuperação e consolo. Ele nos diz que os contos desenvolvem a capacidade infantil e fornecem escapes necessários falando aos medos internos da criança, às suas ansiedades e ódios, aliviando as pressões exercidas pelo contexto social, encorajando-a a luta por valores amadurecidos e por uma crença positiva na vida.

Este estudo não pretende encerrar a discussão, através dele proponho uma reflexão mais consciente sobre este gênero literário que encanta as crianças, chamando a atenção para a influência que pode exercer sobre os pequenos e defendendo que, portanto, deve ser trabalhado e compreendido em sala de aula para que possa auxiliar na formação da infância, mesmo que numa sociedade tão diferenciada daquela em que tais contos surgiram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVICH, Fanny . **Literatura Infantil: Gostosas e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de: **Era uma vez (contos de Grimm)** Porto Alegre, Kuarup,1990.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CASHDAN e SHELDON. **Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos influenciam nossas vidas**. Rio de Janeiro.Campus, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática. 1991

COELHO, Nelly Novaes. **O Conto de Fadas**. São Paulo. Ática,1987.

COSTA, Isabel Alves. BAGANHA, Filipa. *Lutar Para Dar Um Sentido À Vida: Os contos de fadas na educação de infância*. Portugal, Edições Asa, 1989.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENDES, Marisa B. T. *Em busca dos contos perdidos*.**Os significados das funçõesfemininas nos contos de Perrault**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PAVONI, Amarílis. **Os contos e os mitos no ensino: uma abordagem junguiana**. São Paulo: EPU, 1989.

URBAN, Paulo. Psicologia dos Contos de Fadas. **Revista Planeta**, nº 345, junho 2001.

VOLOBUEF, Karin. **Classificação dos contos de fadas**. Disponível em:

<http://members.tripod.com/volobuef/page_maerchen_classificacao.htm>.

Acesso em: 15 set. 2007.

.

.

ANEXO 1

Entrevista com os alunos sobre Contos de Fadas

1. Em sua opinião, o que é um Conto de Fadas?
2. Que características este tipo de texto apresenta?
3. Dos contos de Fadas que conheces qual você gosta mais? Justifique sua resposta.
4. Qual das histórias trabalhadas em sala de aula lhe chamou mais atenção? Justifique sua resposta.
5. Qual a problemática do conto que você escolheu?
6. Que situação de vida você associa a problemática do conto?
7. Em sua opinião porque os contos de fadas são tão fascinantes?

ANEXO 2

O Barba-Azul

Um Conto de Charles Perrault

Extraído de: linamarin.wordpress.com/.../contos-de-charles-perrault



Era uma vez um homem que tinha belas casas na cidade e no campo, baixela de ouro e prata, móveis trabalhados e carruagens douradas; mas, por desventura, esse homem tinha a barba azul: isto o fazia tão feio e tão terrível que não havia mulher nem moça que não fugisse ao vê-lo. Uma de suas vizinhas, dama de alta linhagem, tinha duas filhas absolutamente belas. Ele pediu-lhe uma delas em casamento, deixando a escolha à vontade materna. Nenhuma das duas o queria, e cada uma o passava à outra, pois nenhuma podia decidir-se a aceitar um homem de barba azul. Aborrecia-as também a circunstância de ele já ter desposado várias mulheres sem que ninguém soubesse o que era feito delas. Para travar relações com as moças, Barba-Azul levou-as, juntamente com a mãe e as três ou quatro melhores amigas, e algumas jovens da vizinhança, a uma das suas casas de campo, onde passaram nada menos de oito dias. E eram só passeios, caçadas e pescarias, danças e festins e merendas: ninguém dormia, levavam a noite a pregar peças uns aos outros; afinal, tudo

correu às mil maravilhas, e a mais nova das meninas começou a achar que o dono da casa não tinha a barba tão azul, e que era homem muito digno. E, logo que tornaram à vila, realizou-se o casamento. Ao cabo de um mês, Barba-Azul disse à mulher que tinha de fazer uma viagem à província, de seis semanas, no mínimo, para um negócio de importância; que lhe pedia se divertisse à vontade durante a ausência dele – mandasse buscar suas boas amigas, levasse-as ao campo, se quisesse, comesse do bom e do melhor.

– Aqui estão — disse-lhe — as chaves dos dois grandes guarda-móveis; aqui as da baixela de ouro e de prata que só se usa nos grandes dias; aqui as dos meus cofres, onde está o meu ouro e a minha prata, as dos cofres de minhas jóias e aqui a chave de todas as dependências da casa. Esta chavezinha é a chave do gabinete que fica no extremo da grande galeria do porão: pode abrir tudo, pode ir aonde quiser, mas neste pequeno gabinete eu lhe proíbo de entrar, e o proíbo de tal maneira que, se acontecer abri-lo, não há nada que você não possa esperar da minha cólera. Ela prometeu cumprir à risca tudo quanto acabava de ser ordenado: e ele, depois de beijá-la, toma sua carruagem e parte. As vizinhas e as boas amigas não esperaram, para ir à residência da jovem esposa, que as mandassem buscar, tão sôfregas estavam de ver-lhe todas as riquezas da casa, não havendo ousado ir lá enquanto o marido se achava por causa de sua barba azul, que lhes fazia medo. E ei-las, sem perda de tempo, a percorrer os quartos, gabinetes, vestiários, cada um mais belo que os outros. Subiram depois aos guarda-móveis, onde não se cansavam de admirar o número e a beleza das tapeçarias, dos leitos, dos sofás, dos guarda-roupas, dos veladores, das mesas e dos espelhos, nos quais a gente se via da cabeça aos pés, e cujos ornatos, uns de vidro, outros de prata, ou de prata dourada, eram os mais belos e magníficos que já se poderiam ter visto. Não cessavam de exagerar e invejar a felicidade da amiga, a quem, no entanto, não alegavam todas essas riquezas, ansiosa que estava de abrir o gabinete do porão.

Sentiu-se tão premida pela curiosidade que, sem refletir que era uma indelicadeza deixas sozinhas as visitas, desceu até lá por uma escadinha oculta, e com tamanha precipitação que por duas ou três vezes pensou em quebrar o pescoço. Chegando à porta do gabinete, aí se deteve algum tempo, lembrando-se da proibição que o marido lhe fizera e considerando que lhe poderia acontecer uma

desgraça por haver sido desobediente; mas a tentação era tão forte que ela não a pôde vencer: tomou da chavezinha e abriu, trêmula, a porta do gabinete. A princípio não viu coisa alguma, porque as janelas se achavam fechadas; momentos depois começou a notar que o soalho estava todo coberto de sangue coalhado, no qual se espelhavam os corpos de várias mulheres mortas, presas ao longo das paredes (eram todas mulheres que Barba-Azul desposara e que havia estrangulado). Cuidou morrer de susto, e a chave do gabinete que acabava de retirar da fechadura, caiu-lhe da mão. Após haver recobrado um pouco o ânimo, apanhou a chave, fechou a porta e subiu ao quarto para refazer-se; não o conseguia, porém, devido à sua grande perturbação. Tendo notado que a chave do gabinete estava manchada de sangue, limpou-a duas ou três vezes, mas o sangue não desaparecia; lavou-a, esfregou-a com sabão e pedra-pomes; debalde: o sangue ficava sempre, pois a chave era fada, e não havia meio de limpá-la inteiramente: quando se tirava o sangue de um lado, ele voltava do outro. Barba-Azul regressou de sua viagem logo nessa noite, e disse haver recebido, no caminho, notícias de que o negócio que o levava a partir acabara de realizar-se com vantagem para ele. A mulher fez quanto pôde para se mostrar encantada com esse breve retorno. No dia seguinte ele pediu-lhe as chaves, e ela as entregou, porém a mão tremia tanto que Barba-Azul adivinhou sem esforço todo o ocorrido.

— Por que é — perguntou-lhe — que a chave do gabinete não está junto com as outras?

— Devo tê-las deixado lá em cima, sobre a minha mesa.

— Quero a chave aqui, já!

Depois de várias delongas, a mulher teve que levá-la. Barba-Azul examinou-a e disse:

— Por que há sangue nesta chave?

— Não sei nada disso — respondeu a pobre criatura, mais pálida que a morte.

— Você não sabe nada — continuou ele — mas eu sei muito bem; você quis entrar no meu gabinete! Está certo, senhora, lá entrará e irá ter o seu lugar ao lado das que lá encontrou. Ela se atirou aos pés do marido, chorando e pedindo-lhe perdão, com todos os sinais de um arrependimento sincero de não haver

sido obediente. Bela e aflita como estava, seria capaz de enternecer um rochedo; mas Barba-Azul tinha o coração mais duro que um rochedo:
 – Tem de morrer, senhora, e imediatamente.
 – Visto que tenho que morrer -- respondeu ela, fitando-o com os olhos banhados de lágrimas -- dê-me um pouco de tempo para rezar a Deus.
 – Dou-lhe meio quarto de hora -- replicou Barba-Azul – e nem um momento a mais.

Quando ela se viu sozinha, chamou a irmã e disse-lhe:
 – Minha irmã, sobe ao alto da torre, eu te suplico, para ver se meus irmãos não vêm; eles me prometeram que me viriam ver hoje, e, se os vires, faze-lhes sinal para que se apressem.

A irmã subiu ao alto da torre, e a pobre aflita gritava-lhe de vez em quando:

– Ana, minha irmã, não vês ninguém?

E a irmã respondia:

– Não vejo nada a não ser o Sol que brilha e a erva que verdeja.

Entrementes, Barba-Azul, com um grande cutelo na mão, gritava para a esposa com toda a força:

– Desce depressa, ou eu subirei aí.

– Mais um momento, por favor –, respondia-lhe a mulher. E logo, baixinho:

– Ana, minha irmã, não vês ninguém?

E a irmã Ana respondia:

– Não vejo nada a não ser o Sol que brilha e a erva que verdeja.

– Desce depressa -- bradava Barba-Azul –, ou eu subirei aí.

– Já vou -- respondeu a mulher. E depois:

– Ana, minha irmã, não vês ninguém?

– Só vejo -- respondeu a irmã Ana -- uma grossa poeira que vem desta banda.

– São meus irmãos?

– Infelizmente não, minha irmã; é um rebanho de carneiros.

– Não queres descer? – bradava Barba Azul.

– Mais um momento – respondia a mulher.

E depois:

– Ana, minha irmã, não vês ninguém?

– Vejo – respondeu ela -- dois cavaleiros que vêm deste lado, mas ainda estão muito longe... Louvado seja Deus! – exclamou um instante depois. -- São meus irmãos; estou lhes fazendo sinal, tanto quanto me é possível, para que se apressem.

Barba Azul pôs-se a gritar tão alto que a casa estremeceu. A pobre mulher desceu e atirou-se-lhe aos pés, desganhada e em prantos.

– Isto não adianta nada – disse Barba Azul. -- Tens de morrer.

Em seguida, segurando-a com uma das mãos pelos cabelos e erguendo-a com a outra o cutelo no ar, ia cortar-lhe a cabeça. A pobre mulher, voltando-se para ele, rogou-lhe que lhe concedesse um breve momento para se recolher.

– Não, não – disse ele –, e encomenda bem tua alma a Deus.

E erguendo o braço... Neste momento bateram à porta com tanta força que Barba Azul se deteve instantaneamente. Abriram e logo se viu entrar dois cavaleiros que, sacando da espada, correram direto a Barba Azul. Ele reconheceu que eram os irmãos da esposa, um deles dragão e o outro mosqueteiro, e fugiu sem demora para salvar-se; mas os dois irmãos o perseguiram tão de perto que o alcançaram antes que ele pudesse atingir a escada externa. Atravessaram-no a fio de espada, e o deixaram morto. A pobre dama estava quase tão morta quanto o marido, nem lhe restavam forças para beijar os irmãos. Verificou-se que Barba-Azul não tinha herdeiros, razão por que sua mulher se tornou dona de todos os seus bens. Empregou parte deles no casamento de sua irmã Ana com um jovem fidalgo, que a amava desde muito tempo; outra parte na compra do posto de capitão para seus dois irmãos, e o resto no casamento dela própria com um homem muito distinto, que lhe fez esquecer o mau tempo que ela passara com Barba Azul.

ANEXO 3

O Pássaro de Ouro

Conto dos Irmãos Grimm

Extraído de: www.fabulasecontos.com.br



Era uma vez, há muito tempo, num reino distante, havia um rei que tinha um pomar muito belo nos fundos de seu castelo. Nesse pomar havia uma árvore que produzia maçãs de ouro muito deliciosas. Quando as maçãs amadureciam eram contadas uma a uma. Certo dia o rei notou que faltava uma maçã e então deu ordem para que todas as noites alguém ficasse vigiando a macieira.

Esse rei tinha três filhos, príncipes herdeiros, e então enviou o maior deles, ao cair da noite, a vigiar o pomar e a árvore; porém, antes da meia-noite o jovem não se conteve de sono e adormeceu profundamente. Na manhã seguinte, ao despertar, notou que faltava uma maçã. Na noite seguinte o rei enviou o filho do meio a vigiar o pomar. E da mesma forma este não teve melhor sorte que seu irmão mais velho. Adormeceu antes mesmo da meia-noite e, quando despertou na manhã seguinte, notou que faltava uma maçã na árvore.

Terceira noite. Chegou a vez do menor, do caçulinha cuidar do pomar. O rei, porém, não botava muita fé no menorzinho e achava que aconteceria o mesmo com ele, e que não teria melhor sorte que seus irmãos mais velhos, motivo pelo qual não queria deixá-lo ir. O jovem, porém, pediu, implorou e insistiu tanto que o seu pai acabou consentindo. Então o caçula postou-se debaixo da árvore, ficou alerta, em vigília, e não deixou que o sono o vencesse. Ficou de olhos bem abertos e vigiando a macieira.

À meia-noite, como era noite enluarada, ele ouviu um grande barulho no ar e viu um grande pássaro voar ao redor da árvore - suas penas eram de ouro puro e brilhavam sob a luz do luar. O pássaro pousou na macieira e bicou uma maçã. Ao fazer isso o príncipe-caçula pegou o estilingue e atirou-lhe uma pedra. O pássaro voou com a maçã no bico mas, atingido na cauda, deixou cair uma pena dourada.

Na manhã seguinte o caçula levantou-se, pegou a pena e levou-a ao rei seu pai e contou-lhe o que vira durante a noite. O rei então reuniu os sábios do seu reino e todos foram unânimes em dizer que uma pena de ouro daquelas era raríssima, mais cara que todo o seu reino. Então o rei lhes disse:

"Se uma pena assim é tão valiosa, então de nada me adianta ter apenas uma pena dourada. Eu quero o pássaro todo, vivo."

No dia seguinte o pai chamou o filho mais velho e enviou-o em busca da ave. Ladino, pôs-se a caminho em busca do pássaro de ouro, acreditando que logo o acharia. Mal havia andado alguns quilômetros quando, ao entrar em uma floresta, viu uma raposinha à beira do caminho.

Preparou a espingarda e mirou. A pobre raposinha suplicou:

"Por favor, não me mate. Eu vou lhe dar um bom conselho: Você está em busca do pássaro dourado, não é mesmo? Pois bem, hoje à tarde, antes mesmo do por do sol, você irá chegar a uma aldeiazinha. Logo na entrada, na primeira rua dessa aldeiazinha você verá duas pensões - uma diante da outra. Uma delas estará toda iluminada e com música alta. Lá só tem folia e algazarra. Não entre nessa não. Vá à outra, do outro lado da rua, mesmo que ela tenha um aspecto horrível - mas essa é boa."

E o príncipe pensou consigo:

"Só se eu fosse muito bobo pra seguir um conselho dessa raposa tola..."

E assim pensando, apertou o gatilho da espingarda mas errou o alvo e não acertou a raposinha que esticou a cauda e os pelos e correu para dentro da floresta. Então o príncipe continuou seu caminho. Ao cair da tarde, chegou a uma aldeiazinha onde havia duas pensões, uma em frente da outra. Numa delas, só música, festa, folia e bagunça e, na outra, silêncio e um aspecto não muito agradável aos olhos.

E pensou consigo:

"Eu seria um tolo se eu me hospedasse naquela espelunca feia que mais parece uma favela e cemitério..."

E assim dizendo, entrou na casa onde imperava a bagunça e a folia. E viveu a vida comendo e bebendo, dançando e gastando tudo. Esqueceu-se do pássaro, do seu pai e de tudo de bom que havia aprendido.

Como o tempo se passou e o filho mais velho não retornava, o pai enviou o filho do meio. Este se pôs a caminho em busca do pássaro dourado. E, da mesma forma como acontecera com o seu irmão mais velho, encontrou a raposinha à beira do caminho, a qual deu-lhe conselhos. Porém ele não a ouviu. Chegando àquela aldeiazinha viu, pela janela da casa de folia, seu irmão bebendo e dançando. E lá dentro só algazarra. Seu irmão o chamou. Ele entrou e também levou a vida só no bem-bom.

Passou-se o tempo e, como nenhum dos dois irmãos retornava, o caçula quis partir em busca do pássaro de ouro, porém seu pai não botava fé nele e não queria deixá-lo partir. Então o rei, seu pai, falou-lhe:

"É inútil. Se seus irmãos não encontraram o pássaro dourado, você não terá melhor sorte... Você é muito pequeno..."

E tanto insistiu, e implorou o caçula que o rei, seu pai, acabou consentindo na sua partida.

No caminho, logo na entrada da floresta, o príncipe-caçula encontrou a raposinha a qual disse-lhe que se não a matasse ela lhe daria bons conselhos. O caçula gostava de animais e adorou a raposinha, e disse-lhe:

"Fique tranqüila, raposinha bonitinha, eu não vou causar-lhe mal algum... Eu não vou matar você não..."

E a raposinha disse-lhe:

"Meu nome é Astúcia. Seguindo meus conselhos você não irá se arrepender... E para que você chegue mais depressa, suba às minhas costas."

Nem bem o jovem havia subido às costas da raposinha esta correu como um raio, passando sobre paus e pedras, até que chegaram àquela cidadezinha. O jovem príncipe desceu e, sem olhar para os lados, seguiu o bom conselho da raposinha. Pernoitou na casa feia, porém sossegada e limpa por dentro; e adormeceu tranqüilamente.

Na manhã seguinte, ao prosseguir seu caminho, deparou-se

novamente com a raposinha à beira do caminho, a qual lhe disse:

"Eu quero continuar lhe ajudando, aconselhando e dizendo o que você deve fazer. Vá sempre em frente, direto e reto, sem olhar para os lados, até que você irá chegar a um castelo diante do qual há um batalhão de soldados, deitados. Mas não se preocupe, pois todos eles estão dormindo e roncando. Passe por entre eles, entre no castelo e vá até o último quarto. Dentro desse quarto você irá encontrar o pássaro dourado dentro de uma gaiola velha, de madeira, pendurada na parede. Ao lado dessa gaiola de madeira estará uma outra gaiola, de ouro maciço, porém vazia; tome cuidado ! Não pegue o pássaro de ouro e o coloque na gaiola dourada. Se você fizer isso algo de mal irá lhe acontecer...."

Após dizer-lhe essas palavras, a raposinha abaixou-se, o jovem príncipe subiu-lhe às costas e esta correu tanto que até o vento zunia e assobiava.

Chegando ao castelo o caçula encontrou tudo conforme a raposinha lhe havia dito. O príncipe foi até o quarto onde o pássaro dourado estava dentro de uma gaiola de madeira. Notou que, ao lado, pendurado na parede, havia uma gaiola de ouro.

Então ele pensou:

"Até parece uma piada.... Já pensaram ! Eu levar um pássaro de ouro em uma simples gaiola de madeira e deixar aqui uma gaiola de ouro...??? Brincadeira, né???... . "

Assim pensando, abriu a gaiola de ouro e colocou o pássaro dourado nela.

No mesmo instante o pássaro dourado começou a piar e a graznar muito forte e alto acordando todos os guardas do castelo, os quais entraram correndo no quarto, prenderam o príncipe-caçula e o lançaram na cadeia.

Na manhã seguinte ele foi levado a julgamento e condenado à morte. Porém, o rei daquele castelo disse-lhe que poderia dar-lhe uma chance e salvar-lhe a vida se lhe trouxesse o cavalo de ouro, o qual era mais veloz que o vento e, ainda por cima, poderia ganhar de presente o pássaro e a gaiola de ouro.

Triste e desconsolado o príncipe pôs-se a caminho. Mas, onde encontrar o cavalo de ouro ? Pensando nisso ele viu sua amiga raposinha, à beira do caminho, a qual lhe disse:

"Viu só ? Eu não lhe falei ?? Você não seguiu meus conselhos..."

Tudo isso lhe aconteceu porque você não deu ouvidos aos meus conselhos... Mas, coragem. Eu vou lhe mostrar como conseguir o cavalo dourado. Você deve seguir direto e reto esse caminho, sem olhar para os lados nem para trás, até que você irá chegar a um castelo onde encontrará o cavalo dourado em um estábulo. Diante do estábulo você verá, deitados, muitos guardas, mas não se preocupe, pois eles estarão dormindo e roncando. Passe por entre eles, entre na estrebaria, pegue o cavalo e parta a galope. Mas, cuidado ! Coloque sobre ele a sela feita de madeira e couro e não a feita de ouro que estará pendurado ao lado, senão algo de ruim irá lhe acontecer..”.

Após dizer-lhe essas palavras, a raposinha abaixou-se, o jovem príncipe subiu-lhe às costas e esta corria tanto que até o vento zunia e assobiava. Chegando ao estábulo o caçula encontrou tudo conforme a raposinha lhe havia dito. Foi até onde o cavalo de ouro estava, com uma sela de madeira e couro. Pendurada, ao lado, havia uma sela de ouro puro.

Então ele pensou:

“Até parece uma piada.... Já pensaram ! Eu levar um cavalo bonito e alazão como esse com uma simples sela de madeira e couro?? ... E deixar aqui uma sela novinha de ouro??? Brincadeira, né ?? “

Assim pensando, rechaçou a sela velha e colocou a de ouro no alazão.

No mesmo instante o cavalo começou a relinchar tão alto e forte que acordou todos os guardas do castelo, os quais vieram e prenderam-no levando-o diante do rei.

Depois o jovem príncipe foi posto na cadeia.

Na manhã seguinte ele foi levado a julgamento e condenado à morte. O rei daquele castelo, porém, disse-lhe que poderia dar-lhe uma chance e salvar-lhe a vida se lhe trouxesse a princesa que morava no castelo de ouro. Se trouxesse a princesa poderia levar de presente o cavalo e a sela de ouro.

Muito triste e com o coração angustiado o jovem pôs-se a caminho em busca do castelo de ouro e da princesa que nele morava. Por sorte ele logo encontrou no caminho a fiel raposinha, que lhe disse:

“Eu deveria abandoná-lo à sua própria sorte, mas eu tenho pena de você e quero ajudá-lo mais uma vez. Siga esse caminho direto e reto, sem olhar para os lados nem para trás. Ao entardecer você irá chegar a um castelo dourado. Ao soar meia-noite, quando tudo estiver em silêncio, a princesa sairá para nadar na piscina. Então, assim que ela entrar na

piscina, mergulhe também e beije-a. Então ela irá seguir você. Porém não a deixe despedir-se e beijar os pais, porque se você deixá-la fazer isso, algo muito ruim irá lhe acontecer."

Após dizer-lhe essas palavras, a raposinha abaixou-se, o jovem príncipe subiu-lhe às costas e esta corria tanto que até o vento zunia e assobiava.

Quando o príncipe chegou ao castelo dourado encontrou tudo conforme a raposinha lhe havia dito. Esperou dar meia-noite e, quando tudo estava calmo e silencioso a jovem e bela princesa foi até a piscina, entrou, e logo a seguir o príncipe mergulhou e deu-lhe um beijo. Ela disse-lhe então que havia gostado dele, que o amava, e que gostaria de ir embora com ele; porém, antes teria que despedir-se de seus pais. Ele, lembrando-se dos conselhos da raposinha, disse que não. Mas ela tanto chorou e implorou e beijou-lhe tanto que ele acabou consentindo que ela se despedisse dos pais.

Logo que a jovem princesa entrou no quarto de seus pais, que estavam dormindo, beijou-os, e estes despertaram; acordaram-se também todos que estavam dormindo no castelo. Houve uma gritaria e o jovem foi preso e colocado na cadeia.

Na manhã seguinte o rei daquele castelo disse-lhe:

"Sua vida está por um fio, mas você poderá salvá-la se conseguir retirar esta montanha que está diante do meu castelo, montanha difícil de ser transposta e que me impede de ver o outro lado do meu reino. Mas veja bem, você tem que fazer isso no prazo de oito dias. Faça isso e você terá a mão de minha filha em casamento."

E o príncipe começou a cavar, a retirar terras, paus e pedras da base da montanha que ficava diante do castelo. E trabalhou, e trabalhou e, no sétimo dia não havia feito muitos progressos, tinha retirado pouca terra. Cansado e exausto, caiu, desanimado e desesperançado, chorou.

Ao entardecer do sétimo dia apareceu novamente a raposinha sua fiel amiga e disse-lhe:

"Você não merece que eu o ajude pois foi desobediente e não seguiu meus conselhos. Última chance. Deite-se e durma ali na grama que eu vou fazer esse serviço em seu lugar"

E começou a cavar.

Na manhã do oitavo dia, quando o rei acordou e olhou pela janela, a montanha havia desaparecido. Por seu turno, feliz da vida, o jovem príncipe correu ao castelo e disse ao rei que agora este teria de cumprir a palavra e a promessa e dar-lhe a mão da princesa em casamento. Então, alegres e felizes, partiram ambos, príncipe e princesa, em uma

carruagem muito bonita, puxada por seis cavalos brancos. Não demorou muito, a raposinha apareceu-lhe no caminho e falou:

l melhor você já conseguiu, mas acontece que o cavalo dourado também é da princesa do castelo de ouro..."

- *"Mas como eu poderei pegá-lo ?"* Perguntou o príncipe.

l vou lhe explicar. Primeiramente você apresenta ao rei daquele castelo a princesa que ele lhe pediu. Então haverá uma grande alegria naquele castelo e irão lhe dar o cavalo dourado com a sela dourada. Despeça-se de todos no castelo, um por um, e deixe de despedir-se da princesa por último. E, quando você for abraçar a princesa, agarre-a, coloque-a no cavalo e parta a galope dali, pois ninguém conseguirá pegá-los porque o cavalo dourado é mais rápido que o vento."

E tudo aconteceu exatamente assim. Após pegar o cavalo, a sela e a princesa, partiu a galope. No caminho encontrou a raposinha que lhe disse:

"Agora irei ajudá-lo a conseguir o pássaro dourado. Quando você se aproximar do castelo onde o pássaro dourado vive, apeie do cavalo dourado e o conduza até o interior do castelo. Ao virem o cavalo dourado, haverá grande alegria naquele castelo e então irão lhe trazer o pássaro dourado na gaiola dourada. Quando você estiver com o pássaro e a gaiola na mão, monte no cavalo, pegue a princesa e parta dali a galope, pois ninguém conseguirá pegá-los porque o cavalo corre mais rápido que o vento."

E tudo aconteceu exatamente assim. Após pegar o cavalo, a sela, o pássaro dourado e a princesa, o príncipe partiu a galope.

No caminho encontrou a raposinha que lhe disse:

"Então, como você já conseguiu tudo que queria, agora é hora de você me recompensar pela ajuda que lhe prestei."

"O que você quer em troca ?" Perguntou o príncipe.

"Quando entrarmos na floresta, mate-me; decepe-me a cabeça e as patas."

E o príncipe disse:

"Mas isso seria uma ingratidão de minha parte... Isso eu não farei."

A raposinha falou:

"Então eu não poderei mais continuar do seu lado. Se você não fizer isso eu vou lhe abandonar; antes, porém, vou lhe dar mais um conselho: Não compre corpo de enforcado ou espancado e nem sente-se à beira de poço."

Após falar isso a raposinha entrou na floresta.

Então o jovem príncipe, pensou:

"Mas que bicho estranho essa raposinha... Tem cada mania estranha... Quem iria comprar carne enforcada ?? E também nunca me passou pela cabeça e nem tenho vontade alguma de sentar-me à borda de algum poço..."

E assim pensando, ao lado da jovem princesa, cavalgando, continuou em direção ao castelo de seu pai. No caminho teve que passar por aquela cidadezinha na qual haviam ficado na bagunça seus dois irmãos mais velhos. Havia ali um tumulto e barulheira infernais. Perguntando sobre o que estava acontecendo, soube que dois rapazes seriam enforcados. Ao se aproximar mais, viu que eram seus dois irmãos que estavam sendo espancados e iriam ser enforcados porque haviam cometido muitos crimes naquele vilarejo e contraído muitas dívidas. Então ele perguntou ao carrasco se podia resgatá-los e libertá-los, ao que o carrasco respondeu:

"Pagando bem, que mal tem... "

O príncipe deu-lhes uma pena de ouro e seus irmãos foram libertados; ambos subiram em uma carruagem e se puseram em marcha rumo ao castelo do velho rei e pai.

Chegaram novamente à floresta onde haviam visto a raposinha pela primeira vez. Os irmãos mais velhos viram um poço e, como estavam com sede, disseram:

"Pare a carruagem, deixe-nos descansar um pouco aqui à beira desse poço e beber água..."

O jovem príncipe, bobinho, consentiu. Conversa vai, conversa vem, sentou-se à beira do poço e esqueceu-se dos conselhos da raposinha. Os seus dois irmãos então empurraram-no para dentro do poço, pegaram a jovem princesa, o cavalo, a sela, o pássaro dourado e a gaiola e partiram pra casa, em direção ao castelo. Lá chegando, disseram ao velho rei e pai:

"Pai, não trouxemos somente o pássaro dourado, mas também a gaiola dourada, o cavalo dourado, a sela dourada e a princesa do castelo de ouro."

E a alegria naquele castelo foi imensa. Muita festa.

O cavalo, porém, não queria comer, o pássaro não queria cantar e a jovem princesa ficava sentada a um canto, triste e chorando.

Entrementes, ao cair no poço, o jovem príncipe não morreria. Por sorte o poço estava seco e ele caíra sobre um lodo macio, sem se machucar, porém não conseguia subir porque o poço era muito fundo. Gritando e pedindo por socorro, a raposinha, sua fiel amiga, não o abandonara, veio em seu socorro, estirou-lhe a cauda e retirou-o do fundo do poço e disse-lhe para não se esquecer dos seus conselhos, acrescentando:

"Eu não posso abandoná-lo, eu tenho que mostrar toda a verdade."

Após dizer-lhe essas palavras a raposinha disse-lhe que o levaria até o castelo de seu pai. Abaixou-se, o jovem príncipe subiu-lhe às costas e esta corria tanto que até o vento zunia e assobiava.

A caminho do castelo a Astúcia lhe dizia:

"Você não está totalmente livre do perigo - seus irmãos não estão seguros de que você tenha morrido, por isso enviaram bandidos a lhe procurar pela floresta para então dar cabo de sua vida. Portanto, não se deixe notar."

Então o príncipe encontrou um mendigo pelo caminho, vestido com farrapos, e com ele trocou as roupas, motivo pelo qual, ao chegar ao castelo de seu pai não foi reconhecido. Só que, lá dentro do castelo, nesse exato momento, o pássaro dourado começou a cantar, o cavalo começou a comer e a bela princesa parou de chorar. Notando a mudança repentina, o rei perguntou:

"O que significa isso ???"

E a jovem princesa respondeu:

"Eu não sei... Eu estava tão triste e depressiva e de repente fiquei alegre... É como se meu verdadeiro noivo estivesse por perto..."

Apesar de os dois irmãos malvados terem-na ameaçado de morte, caso contasse ao rei a verdade; ela relatou ao rei o que de fato havia acontecido e o modo como os dois irmãos mais velhos procederam com o caçula.

O rei chamou e reuniu todas as pessoas de seu reino e, dentre elas estava o jovem príncipe em trajes de mendigo. A jovem princesa logo o reconheceu, beijou-o, lançou-se ao seu pescoço e o abraçou. Os irmãos malvados foram julgados e expulsos do reino. O jovem príncipe casou-se com a bela princesa e herdou todo o reino e os tesouros.

Mas, o que aconteceu com a raposinha ?

Certa vez, estando o príncipe e a princesa passeando pela floresta depararam-se com a raposinha, a qual lhe disse:

"Agora você está feliz e possui tudo que desejava. A minha sorte, porém ainda não está completa e está em suas mãos resolver meu problema. "

E tanto ela insistiu que o jovem príncipe decepcionou-lhe as patinhas e a cabeça. Logo a seguir a raposinha transformou-se em um belo e forte rapaz. Para surpresa de todos esse jovem era ninguém mais que o irmão da jovem princesa e que havia sido enfeitiçado por uma bruxa malvada e transformado em raposinha. Desfeito o encanto, voltaram para o castelo e viveram felizes para sempre. O príncipe, a bela princesa e a Astúcia.